

CARTA AOS PESQUISADORES DO FUTURO*

*Lucas Antônio Nogueira Rodrigues***

Pesquisadoras e pesquisadores,

Procuramos fazer dos vibrantes dias que passamos juntos uma verdadeira ode à alegria, ou melhor, à utopia que vive e pulsa no projeto universitário ocidental e que anima, também, as incessantes lutas que marcaram os 15 anos do curso de Ciências do Estado, os quais (de igual modo) buscamos apaixonadamente celebrar.

Conduzimos essa celebração, porém, não de forma ingênua. Não fechamos os olhos, por um só instante, aos grandes desafios que se colocam à Universidade e à pesquisa de nosso tempo.

Atravessamos em nossa era inúmeras crises, sentidas na precarização do trabalho, nas desigualdades sociais, na degradação ambiental, na exacerbação do imperialismo. Em paralelo, somos bombardeados por uma quantidade de informações as quais não conseguimos interligar. Em face de tal contexto, urge que a Universidade renove para além da perspectiva disciplinar.

Ir mais alto, ver mais longe. É o que a Universidade do futuro nos pede. Em face do contemporâneo, não cabe mais manter a rígida separação, em disciplinas, da ciência. Afirmamos que, se o mundo tem problemas, a Universidade não pode ter simplesmente os antigos departamentos. Tal condição concorre por deixar a ciência vulnerável a investidas negacionistas e obscurantistas, ao mesmo tempo em que deixa a coletividade à mercê da ditadura dos especialistas. A pós-disciplinaridade é um grito insurgente contra isso. É a busca de recuperar uma totalidade perdida no coração do saber e da academia, de revolta contra a hiper ignorância a que a hiperespecialização nos sujeitará.

Atenta a esse quadro, a UFMG cuidou de desenvolver, até aqui, diversas emblemáticas iniciativas. Uma delas é o Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG (IEAT), e a outra, o curso de Ciências do Estado, cujo aniversário de 15 anos esse evento buscou

* Carta lida no encerramento do II Encontro Internacional da Revista de Ciências do Estado no dia 15 de junho de 2023 por Lucas Antônio Nogueira Rodrigues, então Editor-chefe da Revista de Ciências do Estado. A Carta foi elaborada pela Comissão Organizadora do II EIREVICE, composta por: João Pedro Braga de Carvalho; Gabriel Niquini Mota; Hellen Luiz Balbino Oliveira; Lorena Trindade Santos; Luiz Eduardo Souza Silva; Nathália Magalhães de Matos; Nikolas Mendes Salvador; Pedro Luiz de Jesus Beletabla Bravo; Pedro Luiz Rodrigues Barreto e Theo Augusto Apolinário Moreira Fonseca. Um agradecimento especial deve ser feito a Pedro Luiz Rodrigues Barreto pela redação final da Carta.

** Editor-chefe da Revista de Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9153-5961>. Contato: lucasantonio10@live.com.

celebrar. A riqueza das Ciências do Estado é sua abertura ao multidisciplinar, e seu futuro, é o de ser um curso pós-disciplinar.

O passado não condena o futuro. Ainda que duramente sentida, a distopia do presente pode e deve dar lugar a uma revigorada utopia de progresso. Para isso, filosofia e academia devem andar juntas. Como filhas da interação entre cultura e poder, ambas podem ensejar um caminho de emancipação, assumindo em seu seio a tarefa primaz de formar cidadãos, e não servos, mas sim sujeitos livres, e não consumidores.

A Universidade percorre a trilha da eticidade, e nela se transforma. Entre o familiar, o social e o estatal, o paradigma a que aspiramos é de uma academia verdadeiramente livre e efetiva – que só terá lugar nas instituições públicas, gratuitas e de excelência. Para tanto, assumir a pesquisa como prioridade é legar ao país uma nova possibilidade de futuro e uma nova estratégia de desenvolvimento, nos marcos do Estado de Direito.

A pesquisa tem inegável valor estratégico, tanto para a competição econômica quanto para a responsabilidade social. As atividades de investigação permitiram as universidades responderem a quadros de dramáticas incertezas. Porém, sem condições cognitivas, não pode haver avanço efetivo do conhecimento. Por isso, para além dos saberes instrumentais deve haver a valorização das pesquisas de base. As escolhas do futuro, orientadas a partir da cena internacional, deve ser feita em atenção ao presente, contemplando aquelas áreas estratégicas para a realidade nacional. Em paralelo, deve-se respeitar a tradição, aquelas escolhas do passado que legou à academia suas melhores feições. A Universidade representa um dos espaços contemporâneos que permitem a coletividade um pensar sobre si mesma. Portanto, ela não deve ser capturada por interesses sociais e econômicos limitantes.

Reconhecemos que a atividade de investigação, lastimavelmente, tem se mecanizado e engessado. Em face das atuais condições, a ideia de um pensador livre, de um novo Albert Einstein, tem se tornado impossível. Parece inegável, assim, que o neoliberalismo vem empobrecendo a própria vida da experiência universitária, reduzindo-a a uma lógica mercadológica de produção e consumo de saberes.

Em paralelo, reconhecemos que a fundação da presente ordem constitucional brasileira é fruto de um embate de forças, o qual não se encerrou em 1988. No decorrer de sua história, a Nova República nos legou incessantes frustrações, razão pela qual o projeto constitucional hoje vigente deve ser objeto de incessante crítica. Nós, os que amamos o Brasil, devemos celebrar o compromisso de buscar ajustar sua sala de máquinas, de fazer pulsar, uma vez mais, o coração de seu constitucionalismo. É fundamental, assim, que pensemos o futuro do Brasil, e o fim, ou os fins, que sonhamos para ele. E isso requer uma renovação de suas instituições político-civis.

Nesse processo, devemos repudiar as premissas deterministas: toda possibilidade de transformação deve ser considerada. Tais possibilidades, não obstante, devem se situar no percurso histórico peculiar de nossa civilização, e devem estar à altura da contemporaneidade. E das demandas que ela impõe. Por esse motivo, temos que firmemente condenar os reacionarismos modernos, e buscar no horizonte do próprio Estado de Direito os caminhos de superação da crise presente.

Compete a nós, pesquisadores brasileiros, incursionarmos nesses caminhos. De forma específica, devemos repudiar a mediocridade que vem condicionando e empobrecendo a cena pública nacional. Nós nos insurgimos contra a ditaduras das não-alternativas. Nós denunciemos a incapacidade de nossas lideranças em conceber um projeto nacional autônomo. Ante a ausência desse projeto, nosso país tem experienciado suas mais cruciais crises. Entre programadores e programados, o lugar de quem pensa parece ser um barco à deriva. É nesse lugar que nos colocamos nesses dias, atravessando as águas incertas de um mundo marcado pelo digital e pela inteligência artificial. A mutação social decorrente das mudanças tecnológicas nos instigam a refletir: a educação humanista precisa ser revigorada, disso depende fundamentalmente o papel da Universidade no futuro. Na mediocridade das inteligências artificiais, as quais parecem dispensar qualquer educação, precisamos ser aqueles rebeldes que pensam, precisamos lembrar que o ser humano não é um algoritmo, somos mais, queremos mais. E é essa realidade fundamental, a humana, a qual a academia deve se conformar. Eis a nossa utopia. O papel da Universidade é pensar o Brasil. Sejam nós, os pesquisadores do futuro, o motor de mudança para o desenvolvimento desta grande nação.

Viva a Revista de Ciências do Estado.

Viva o Bacharelado em Ciências do Estado.

Viva a UFMG.

Viva Minas Gerais.

Viva o Brasil!

Como citar esta memória histórica: RODRIGUES, Lucas Antônio Nogueira. Carta aos pesquisadores do futuro. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 1–4, 2023.

Recebido em 21.12.2023

Publicado em 31.12.2023



Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional